

ferramentas para o Mac OS

Depois do retorno triunfal de Steve Jobs, a Apple passou a se preocupar muito mais com o marketing de seus produtos. Em vez de nomes sem graça como “Power Macintosh 7100/80”, “3400” etc., passou a usar “G3” e “iMac” (radicalizando ao ponto de usar o mesmo nome em produtos diferentes). O Mac OS 8 foi alardeado como “um novo Mac por apenas US\$ 99”, o G4 é o “primeiro supercomputador pessoal”, o iBook é o “iMac para viagem” e por aí vai. A coisa não poderia ser diferente com o Mac OS 9, que vem com grandes mudanças internas que trarão benefícios a todos os usuários e ajudarão na transição para o Mac OS X, que chega no ano 2000. Mas a Apple preferiu vender o novo sistema como “o seu co-piloto na Internet”. Segundo os marqueteiros de plantão, o Mac OS 9 traz nove ferramentas (olha só que coincidência!) que o transformam “no melhor sistema operacional para a Internet”. Que os Linuxistas roxos não ouçam isso. Se a gente fosse bolar um slogan para o Mac OS 9 baseados em nossa experiência, provavelmente sairia algo como “Mais próximo do X” ou “Seguro, robusto e divertido”; enfim, qualquer besteira que não iria mover uma caixa da prateleira. As tais nove ferramentas nem são todas diretamente ligadas à Internet, e algumas não estão entre as mudanças mais importantes no novo sistema. Mas, já que a Apple resolveu fazer delas o seu bordão, vamos analisá-las uma a uma.



por Heinar Maracy*

1. Sherlock 2

Dois passos para a frente, um para trás

Uma prova de que o marketing na Apple pode tudo é o próprio nome Sherlock 2. Afinal, a última versão do Sherlock já era a 2.0, e esta, segundo o Get Info, é a 3.0.1. Mas quem se importa com números de versões, além dos engenheiros de software?

O importante é que o programa de busca que substituiu o velho Find finalmente atingiu a maioria, livrando-se das graves limitações que existiam em sua versão anterior. Infelizmente, a Apple decidiu impingir-lhe a mesma interface inconsistente do QuickTime 4, com seu pseudo-aço escovado e janelas sem persiana. Mesmo assim, essa decisão não afeta o salto qualitativo dado pelo programa.

Virando arquivos do avesso

A primeira mudança se percebe na hora de acionar o Sherlock. Você agora pode dar **⌘F** para procurar arquivos em seu disco, ou **⌘H** para cair direto na busca pela Internet. Feito isso, você dá de cara com a nova interface do Sherlock, cujas principais atrações são uma fileira de quadradinhos com ícones na parte de cima, e uma barra embaixo que exibe banners de propaganda rotativos quando não está sendo utilizada (lembre-se: nova Apple = *marketing rules!*).

Os ícones são os chamados Canais do Sherlock, que dão nova funcionalidade ao programa. O primeiro canal é o de arquivos, que embute as buscas por arquivo e por conteúdo, de uma forma bem mais prática, mas que a princípio assusta. Em vez de abinhas separadas para esses dois tipos de busca, eles agora estão agrupados em uma única paleta (mas o **⌘G** para acionar a busca por conteúdo ainda funciona). Dois botões permitem que você escolha procurar arquivos pelo nome ou pelo conteúdo. Uma janela permite que você escolha em que volumes quer executar sua procura, um grande avanço em relação aos menus pop-up do antigo Find. Para dar busca em uma pasta específica, basta arrastá-la para essa janela.

A coisa muda de figura quando você clica na opção Custom. Uma janela enorme, com todas as opções de busca que anteriormente ficavam escondidas em menus pop-up e cliques com **Option**, permite executar as buscas mais complexas possíveis dentro do seu disco. Arraste um arquivo semelhante àquele que você quer achar e o Sherlock 2 designa todas as opções na caixa de diálogo que correspondem ao arquivo ou pasta que você jogou lá. O Sherlock original fazia a mesma coisa, mas você tinha que arrastar o arquivo para cada atributo individual; o Sherlock 2 faz isso com todas as opções de uma só vez.

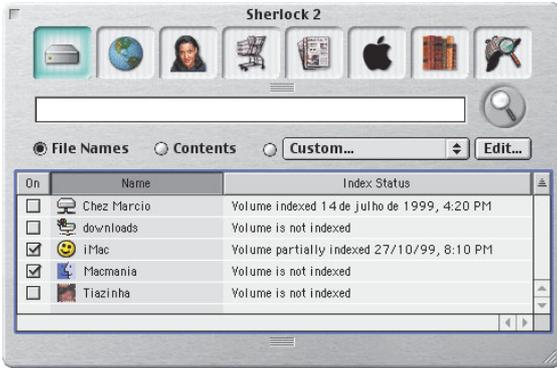
Você agora pode procurar um arquivo pelo nome e por uma palavra que esteja dentro dele ao mesmo tempo, mas ainda não pode fazer pesquisas com duas variáveis do mesmo critério. Não há como procurar ao mesmo tempo um documento que tenha a palavra “Macmania” e a palavra “urgente”.

Complexidade disfarçada

Se, por um lado, a Apple facilitou a vida do usuário, por outro complicou, criando uma interface intimidadora e pouco intuitiva em uma das funções mais cruciais do sistema: procurar um arquivo.

O Sherlock 2 vem com quatro sets de busca de arquivos pré-configurados: “aplicativos”, “arquivos maiores que 1 MB”, “arquivos modificados hoje” e “arquivos modificados ontem”. Você pode começar com um destes e personalizá-los clicando no botão Edit. Seus critérios de busca





O novo Sherlock ganhou uma interface semelhante à do QuickTime Player. As abinhas de busca por arquivo, por conteúdo e na Internet foram substituídas por uma fileira de “canais”



O novo design modular do Sherlock permite expandi-lo indefinidamente, adicionando canais e plug-ins até o ponto de você não saber mais como procurar as coisas



podem ser salvos em arquivos para serem reutilizados depois. Você nunca mais vai perder um documento com o Mac OS 9. A indexação de discos continua sendo uma tarefa penosamente lenta, que pode levar um dia ou mais. Sua única opção é ir fazendo a indexação aos poucos, em updates diários, ou deixar seu Mac ligado durante uma noite inteira (ou várias) só para isso.

Organizando a Rede

O Sherlock original pecava por querer colocar a Grande Rede em uma caixa minúscula. Sua janela de tamanho fixo rapidamente ficava atulhada de plug-ins. No Mac OS 8.6, a Apple reviu isso, permitindo o aumento da janela, mas não chegou a implementar um gerenciador de plug-ins – algo extremamente necessário devido ao sucesso da ferramenta, que originou centenas de plug-ins para tudo quanto é site. Muitos desenvolvedores resolveram preencher o buraco criando seus próprios gerenciadores de sets, como o Baker Street Assistant, da Casady & Greene.

Os canais do Sherlock 2 têm uma implementação diferente dos sets desses gerenciadores. Eles não permitem fazer uma busca utilizando todos os plug-ins ao mesmo tempo. Se você quer procurar um item na Amazon e na CNN, tem que gerenciar você mesmo os seus plug-ins, arrastando-os de um canal para o outro.

A grande novidade é o conceito de plug-in embutido (*built-in*). Ao contrário dos plug-ins “custom”, o plug-in embutido não pode ser jogado fora com **⌘Delete**. Nem adianta tentar tirá-lo à força da pasta onde ele fica no System Folder (Internet Search). O Sherlock puxa outro pela Internet na próxima vez que for ligado. São ao todo seis canais, cada um com suas peculiaridades:

- **Internet** – Tem plug-ins embutidos para o AltaVista, CNET, Direct Hit, Excite, GoTo.com, HotBot, Infoseek, LookSmart e Lycos. É o mais parecido com o Sherlock original: você busca uma palavra e ele a procura por toda a rede, retornando uma lista de URLs clicáveis que abrem automaticamente o seu browser.

- **People** – Contém plug-ins do tipo LDAP (Lightweight Directory Access Protocol) para o Bigfoot, Four11 e Yahoo. Esse protocolo serve para encontrar pessoas catalogadas em servidores LDAP, que retornam o

nome, email e telefone da pessoa. Como esse protocolo ainda não é largamente utilizado na Internet, não tem muita utilidade hoje em dia. Quem sabe no futuro...

- **Shopping** – Tem quatro plug-ins da Amazon (Auctions, Books, Music e Video), mais Barnes & Noble e eBay. Diferente dos canais de busca, este mostra os resultados em colunas com o nome, o produto, preço, disponibilidade e site. Os itens encontrados são ordenados por preço, com o mais baixo no topo.

- **News** – Tem os plug-ins para o News.com, CNN, Interactive, ESPN, Motley Fool e Quicken.com. A classificação das notícias é feita por data, com as notícias mais recentes em primeiro lugar.

- **Apple** – Traz o Macintosh Products Guide, Apple Software Updates, Apple Tech Info Library e o plug-in para o próprio site da Apple.

- **Reference** – É o canal mais fraquinho, com o Dictionary.com, Encyclopedia.com e o Roget's Thesaurus.

- **Um canal vazio chamado “My Channel”** – É o ponto de partida para você começar a criar seus próprios canais de plug-ins. Para isso, basta escolher New Channel no menu Channel. Usando a mãozinha, você expande a barra de canais, como nos Favoritos do QuickTime 4, abrindo mais uma fileira de canais. Todos os plug-ins do Sherlock original são compatíveis com a versão 2; portanto, basta organizá-los em canais de filmes, discos e canais brasileiros, colocar um ícone bonitinho e mandar brasa.

Ainda dá para ser melhor

O Sherlock avançou bastante, mas retrocedeu em alguns pontos. Além da interface polêmica, os canais e plug-ins embutidos e “imexíveis” forçam o usuário a utilizar a ferramenta da maneira que a Apple acha mais sensata, não à sua maneira, como os macmânicos estão acostumados. É óbvio que ninguém vai querer voltar para o Sherlock velho, mas também está claro que muitos não vão gostar de conviver com canais que nunca vão usar e ícones que só mostram o nome quando se pára o cursor sobre eles. Podemos estar sendo excessivamente críticos, mas a culpa é da própria Apple, que acostumou os macmânicos a esperar dela nada menos que soluções brilhantes quando se fala em interface de usuário.

2. Múltiplos usuários

Pegue o seu Mac exatamente como você o deixou

Junto com o Sherlock, a novidade mais badalada do Mac OS 9 é a possibilidade de vários usuários compartilharem a mesma máquina. Apesar de não ter muito a ver com a Internet, o painel **Multiple Users** é listado como uma das “nove ferramentas” do Mac OS 9. Quem divide o computador com a mulher, irmão, filhos ou colega de trabalho sabe o quanto é valiosa esta função, que permite que cada um organize seu Desktop da maneira que quiser, tenha suas próprias preferências para cada programa e possa limitar o acesso a seus arquivos pessoais.

Um At Ease mais bem feito

O Multiple Users é herdeiro do antigo At Ease, interface para vários usuários que vinha com alguns modelos de Performa e fez bastante sucesso no mercado educacional americano. O At Ease acabou evoluindo para uma ferramenta para trabalho em grupo, primeiro como At Ease for Workgroups e depois dando origem ao Macintosh Manager do NetBoot, função do Mac OS X Server que permite que vários iMacs compartilhem arquivos instalados em um único servidor. Mas muitos usuários sentiram o fim da versão *home user* do programa, que tornava o Finder mais fácil e menos perigoso quando usado por mãozinhas inexperientes. Agora eles a têm de volta, revista e melhorada.

O Multiple Users não é uma ferramenta feita para ser usada em rede, mas uma maneira fácil de compartilhar um mesmo computador por várias pessoas. Ele não faz do Mac OS 9 um sistema realmente multi-usuário, como o Windows NT ou os diversos sabores de Unix (ou como será o Mac OS X), mas sua implementação atende perfeitamente às necessidades do uso doméstico ou de uma daquelas escolas que têm “dois (ou mais) alunos por micro”.

Tudo funciona em um simples painel de controle onde você cria novos usuários, dizendo o que cada um pode ou não pode fazer. O default é o Mac dar o boot em modo monousuário, com você como proprietário (*owner*) registrado com o nome e a senha colocadas no Mac OS Setup. O Multiple Users permite guardar preferên-

cias e restrições diferentes para até quarenta usuários no mesmo computador.

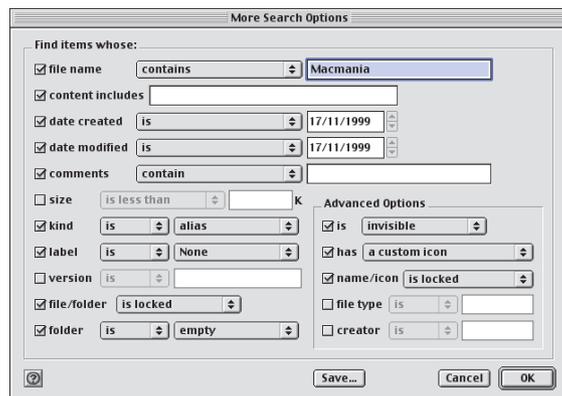
Uma máquina com mais de um usuário já fica diferente no próprio startup. Antes de aparecer o Finder, surge uma lista de usuários com os nomes e ícones respectivos (o painel vem com vários ícones e você pode colar o seu próprio) e três opções: Shutdown, Change Password (mudar a senha de acesso) e Log In. Clicando em Log In, surge uma caixa onde você deve digitar sua senha. Se você digitar errado a senha, a caixa de diálogo dá uma balançadinha, um toque bonitinho herdado do Mac OS X Server, que por sua vez a herdou do NextStep. Se você é o dono da máquina, não verá nenhuma diferença no sistema, a não ser a opção Log Out no menu Special. O logout permite que você saia do Mac OS e volte para a caixa de login para que outro usuário entre, sem precisar restartar a máquina. O lixo é esvaziado automaticamente no logout.

Os outros usuários podem ser agrupados em três categorias, com o sistema funcionando de maneira um pouco diferente para cada uma, especificada pelo dono:

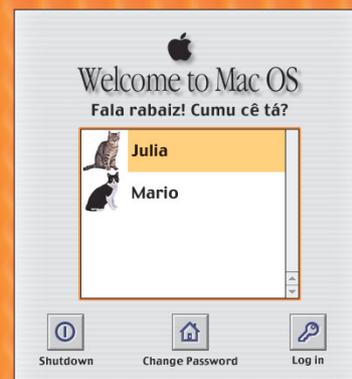
- **Usuários Normais** (Normal Users) – Nenhum macmânico pode ser considerado um cara normal, mas enfim, a Apple deu esse nome para aqueles que não são o dono da máquina, mas têm o mesmo tipo de acesso que ele às funções do sistema, com algumas restrições. Não podem acessar documentos de outros usuários nem modificar alguns painéis, como os de acesso à Internet e o Memory.

- **Usuários Limitados** (Limited Users) – Têm acesso limitado ao sistema, podendo ser proibidos de acessar determinados programas, CDs ou DVDs (ou qualquer tipo de mídia removível), não ter acesso ao Chooser, Network Browser, painéis de controle, Apple Menu ou até mesmo a itens fora do “Shared Folder”, pasta utilizada para compartilhar arquivos entre os vários usuários de uma mesma máquina.

- **Usuários de Painéis** (Panels Users) – O nome é estranho, ainda mais traduzido, mas é isso mesmo. São os que têm acesso mais limitado, entrando no Mac por uma interface que mistura o At Ease com o File



As opções adicionais de busca do Sherlock ficaram nesta caixa infernalmente complexa, acessível pelo menu



A tela de login do Mac OS 9 mostra ícones personalizados e uma frase determinada pelo proprietário do Mac

The computer has been idle for 10 minutes. To continue working you must enter your password.

Name: Mario RU

Password:

Logout

Resume

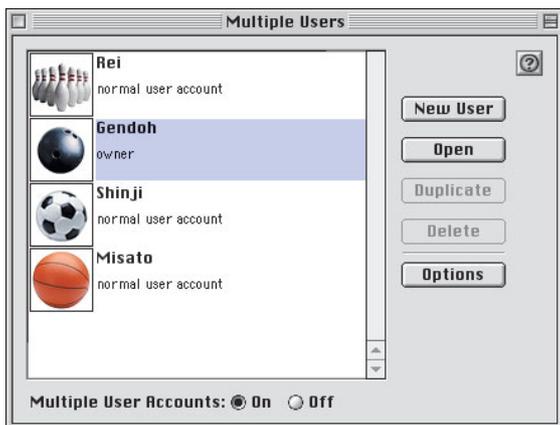
O computador também pode ser configurado para travar a tela se o usuário se ausentar por certo tempo



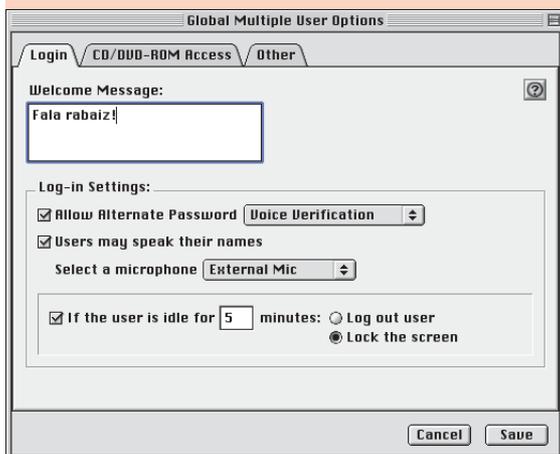
You either held down the shift key or extensions are disabled. If you want to go to the Finder, you must enter the Multiple Users owner password on the next screen.

OK

O Multiple Users não é um recurso de segurança. Se você restartar com **(Shift)**, o Mac pedirá a senha. Mas terá acesso irrestrito se restartar por um disco externo (serve qualquer CD com Mac OS 8.1 ou posterior)



No novo Multiple Users, os usuários da sua máquina podem ser classificados em três níveis: normais, limitados e de painéis. Cada um pode usar a própria voz como senha, bastando assinalar essa opção em *Log-in Settings*. Se a senha por voz não for reconhecida pelo computador (o que não é muito difícil de acontecer), ainda é possível usar a senha digitada



Manager do Mac OS X, em um resultado de gosto duvidoso, mas que serve ao seu objetivo principal: criar uma maneira totalmente anti-mongo para se trabalhar no Mac OS. Basicamente, são painéis que tomam a tela inteira com ícones enormes de pastas, documentos e programas. Se você abre uma nova pasta, um novo painel aparece, tomando conta da tela. O máximo que a tela comporta são quatro painéis. A partir daí, eles se transformam em ícones em uma barra. Clicando no ícone, você entra na pasta. Para voltar um nível, existe uma providencial flechinha no final da barra. Não dá para mudar arquivos de lugar, não há lata de lixo, nem configurações de programas, nem mesmo o Finder.

O dono é quem manda

O Multiple Users dá bastante flexibilidade ao dono da máquina na hora de limitar o acesso aos seus arquivos. Você pode ajustar um *log out* automático em qualquer usuário que esteja ocioso por um tempo deter-

minado; trancar sua tela contra os curiosos enquanto ausente; permitir o acesso a CDs, disco por disco, ou até mesmo a partes de um disco; criar uma conta para convidados (*guests*) que não precise de senha; e escolher ser notificado sempre que um usuário instalar um programa novo, para decidir quem pode utilizá-lo.

O Multiple Users não deve ser confundido com um sistema de segurança: ele é apenas um modo prático de vários usuários compartilharem o mesmo Mac. O uso de modos de acesso limitado não significa que seus arquivos estão totalmente seguros das mãos e olhos alheios. Usuários com um pouco de traquejo conseguem facilmente passar por cima das proibições e abrir programas não autorizados, bastando para isso ter acesso ao Script Editor. E basta dar o boot por um CD-ROM ou disco externo para obter acesso a todos os arquivos do disco. Para garantir a segurança de seus arquivos, a Apple bolou outras ferramentas, conforme veremos adiante.

3. Voiceprint Password

Sua voz é a sua senha

Clicando no botão Options no painel Multiple Users, você abre uma janela que permite, entre outras coisas, a utilização de **senhas alternativas** (*alternate passwords*) no login do Mac OS. Isso é interes-

sante, pois quer dizer que o login é feito por um programa modular e que, futuramente, desenvolvedores poderão criar sistemas mais seguros que os da Apple para permitir o acesso ao seu computador.

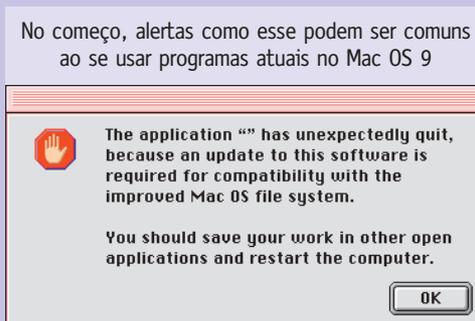
Cuidados na instalação do Mac OS 9

O Mac OS 9 funciona em qualquer Power Mac com um mínimo de 40 MB de RAM disponível. Se você tem apenas 32 MB, o próprio instalador se encarrega de ajustar a memória virtual para deixar o Mac com 64 MB. O sistema ocupa no mínimo 18 MB, sem as extensões, podendo passar facilmente de 30 MB! Ou seja: sobra pouca coisa para os programas. É possível trabalhar com o OS 9 em máquinas com 32 MB, mas você vai sofrer com isso, com a memória virtual fazendo seu Mac se arrastar. Sem a memória virtual, o sistema pode comer até mais de 50 MB da sua RAM. Não é à toa que os

novos Macs vêm com um mínimo de 64 MB. Só a partir daí o OS 9 começa a mostrar a que veio. Não deixe de checar se existem atualizações e incompatibilidades com os programas que você usa diariamente. O Mac OS 9 trouxe mudanças no File Manager que permitiram o aumento do número de arquivos abertos simultaneamente de 348 para 8169, eliminando um método antigo e obsoleto para encontrar informação sobre arquivos abertos, a tal tabela FCB (*File Control Block*). Quando um programa tenta acessar diretamente

essa tabela, ele causa um erro do tipo -119. Tais mudanças estão gerando mais conflitos de programas que o normal. O maior problema estava relacionado com o Adobe Type Manager e o Adobe Type Reu-

nion, que simplesmente travavam a máquina. Para evitar complicações, o instalador transporta os dois para a pasta *Control Panels (Disabled)* no System Folder. Felizmente, a Adobe lançou a tempo uma versão compatível do ATM, a 4.5.2. O pacote "Internet Access" do Mac OS 9 instala o StuffIt Expander 5.1.4 e o StuffIt Engine 5.1.3, pois as versões anteriores também apresentavam problemas. Usuários com discos formatados por programas que não são da Apple devem checar com os fabricantes se existem



No Mac OS 9, só existe uma senha alternativa no menu pop-up, a *voiceprint password*, que pode não ser a mais segura, mas é muito divertida. Com ela ligada, o login pede que você fale uma frase, fazendo uma análise biométrica da sua voz e checando se ela corresponde à “impressão vocal” (*voiceprint*) que você gravou previamente. Em nossos testes, percebemos que a qualidade do microfone influencia bastante

na hora de checar seu voiceprint. Qualquer mudança de entonação da frase escolhida também pode invalidar seu login (felizmente, o programa deixa você digitar sua senha depois de três tentativas erradas ou de um Cancel). Utilizar a frase *default* (“My Voice is My Password”) é melhor que inventar a sua própria. E nem tente usar o voiceprint em ambientes de trabalho barulhentos.

4. Keychain

Seu chaveiro de senhas

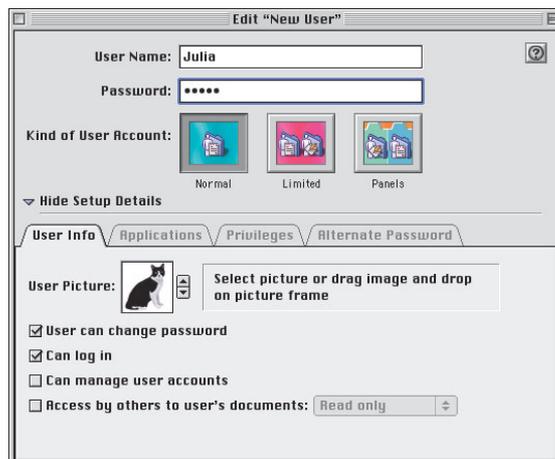
Você tem, com certeza, várias senhas que usa constantemente. Senha de acesso ao seu provedor, de email, para entrar em áreas privadas da rede da sua empresa, do seu programa de contabilidade pessoal ou do banco de dados da sua empresa. E onde você guarda todas elas? Na cabeça? Num *clipping text* que fica no desktop? O **Keychain** é mais uma boa idéia que a Apple tirou do fundo do baú. Ele era uma função do PowerTalk, sistema de comunicação para grupos de trabalho que integrava o System 7 Pro — uma tentativa da Apple de reembalar seu sistema operacional para o mercado corporativo que não deu muito certo.

Reúna todas as senhas em uma

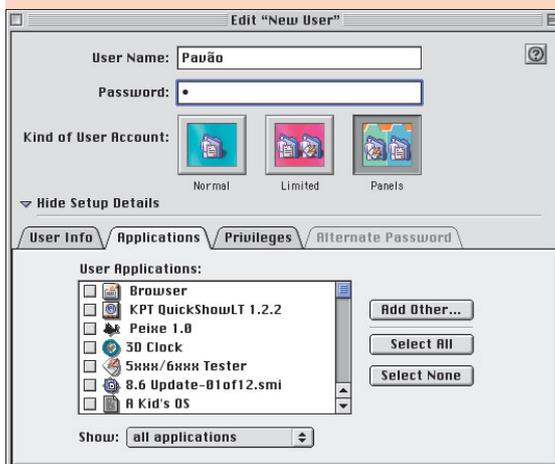
A idéia é simples: um programa que guar-

da todas as suas senhas e pode ser acessado por qualquer aplicativo. Quando você clica naquele site XXX-Live que resolveu finalmente pagar pra ver, em vez de pedir para você digitar aquela senha de 25 caracteres alfanuméricos, ele abre o Keychain. Aí, é só digitar a única senha que você precisa saber de cor e pode começar a farra. Lindo, não?

Quase. O problema é que poucos programas atualmente são compatíveis com o Keychain. Até o fechamento desta matéria havia apenas o Eudora, alguns programas de FTP, como Anarchie e Fetch, o Timbuktu Pro 5 e, é claro, o Mac OS, incluindo o Apple File Security (chegaremos lá) e o AppleShare. A coisa vai ficar legal mesmo quando os navegadores de Web aderirem ao Keychain.



No Multiple Users, o dono da máquina decide o que cada um dos outros usuários poderá ou não fazer. Uma das coisas mais úteis para um administrador de sistemas (ou pai preocupado) é poder bloquear o acesso a mídias removíveis, determinados programas ou partes inteiras do HD



drivers compatíveis com o OS 9 antes de instalá-lo. A mesma recomendação serve para quem tem placa de upgrade de processador.

Você pode checar uma bela lista de updates e programas reconhecidamente incompatíveis com o 9 na página de atualizações do Version Tracker (www.versiontracker.com). É imprescindível que você faça isso antes de instalar o sistema, para evitar problemas.

Dicas de ouro

Existem alguns cuidados que precisam ser seguidos para garantir uma boa instalação. Apesar de meio

óbvios e descritos no arquivo Read Me (que ninguém lê), vamos repassá-los aqui:

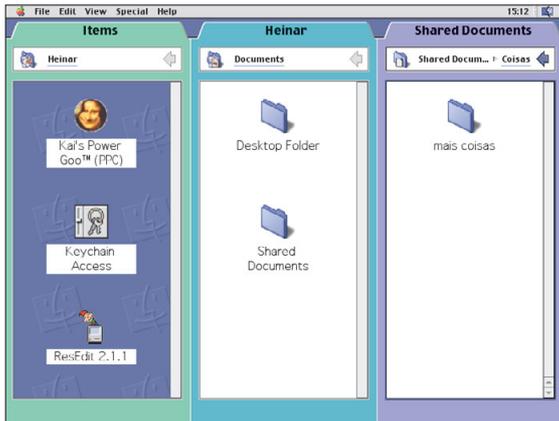
- Sempre faça um backup dos seus arquivos antes de fazer o update. Claro que, como você regularmente faz cópias dos documentos importantes que estão no seu disco, não precisa se preocupar com isso, certo?
- Passe algum reparador de disco, como o Norton ou o Disk First Aid, antes da instalação. Se você for do tipo supersticioso, dê um “zap” na PRAM, apertando as teclas **⌘OptionP|R** durante o restart.
- Dê o boot a partir do CD do Mac OS 9 quando for instalar o sistema.

É possível instalar o 9 com seu sistema velho no disco de partida, mas é um procedimento que aumenta as chances de problemas. E não é possível fazer isso em Power Macs 6100, 7100 e 8100. Segundo a Apple, essas máquinas contêm um bug de ROM desconhecido que impede a instalação, a não ser que você já esteja rodando o Mac OS 9.

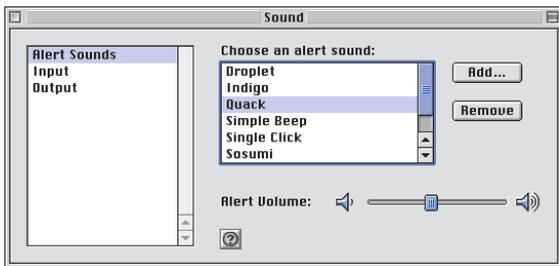
- Desconecte qualquer equipamento USB (menos o teclado e o mouse) antes de dar boot pelo CD de instalação do Mac OS 9.
- Antes de dar o Start na instalação, clique no botão *Options* e peça um *Clean Install* (instalação limpa).

É perfeitamente possível fazer uma “instalação suja” sobre o seu sistema velho, mas já apareceram relatos na Web de que isso pode gerar problemas. O Clean Install vai obrigar você a reinstalar suas preferências, extensões e painéis de controle de terceiros, mas isso não é tão trabalhoso assim.

- O Mac OS Setup Assistant não deixa mais você fazer o setup da sua máquina sem colocar uma senha de usuário. Não perca essa senha: ela será muito importante na hora de criar múltiplos usuários e utilizar os softwares de segurança que estão embutidos no sistema.



Isso é tudo que um usuário de painéis (com privilégios de acesso mínimos) verá no desktop. Nem parece um Mac



Além de vir com ótimos sons de alerta novos, o OS 9 tem o painel Sound separado do Monitors, como era antigamente

Suas senhas ficam armazenadas em arquivos guardados na pasta Keychain, dentro da pasta Preferences. Você pode até copiar esses arquivos num disquete e levar para outro computador. É possível ter vários Keychains numa mesma máquina. O Multiple Users cria um Keychain para cada usuário.

Segundo a Apple, as senhas do Keychain são protegidas por uma encriptação RC2 de 128 bits, mas que tem a exportação permitida pelo governo norte-americano. Isso quer dizer que suas senhas ficam protegidas de todo mundo, menos do pessoal da CIA, FBI, NSA etc.

5. Apple File Security

Criptografia para o resto de nós

O **Apple File Security** é o programa criado pela Apple para impedir que alguém meta o nariz nos seus documentos privados. Basta selecionar um arquivo e escolher Encrypt no menu File do Finder para torná-lo inviolável. Somente digitando a senha certa ele pode ser aberto. Simples assim. O AFS usa um algoritmo desenvolvido nos tempos da NeXT, que a Apple garante ser de “qualidade industrial”, seja lá o que isso queira dizer.

O File Security encripta e também comprime os arquivos, economizando espaço em disco. Você cria para o arquivo uma senha de no mínimo cinco caracteres, que pode

ser adicionada ao seu Keychain (calma, chegaremos lá).

Mesmo com sua implementação anti-mongo, o programa ainda tem algumas falhas. Não é possível encriptar pastas ou discos: apenas arquivos. E não há como descriptar um arquivo sem abri-lo. Mas o pior de tudo é que ele não traz segurança total. Como diz o velho hacker, “não ter nenhuma privacidade é melhor que ter uma falsa sensação de privacidade”.

Nada nasce perfeito

A grande falha do File Security é que ele deleta os arquivos originais depois da

Novidades na área gráfica

Apesar da ênfase na Internet, a Apple não esqueceu seu principal mercado, o de Desktop Publishing, na lista de novidades do Mac OS 9. Entre elas estão a nova versão de uma tecnologia conhecida e algo totalmente diferente.

ColorSync

O **ColorSync 3** recebeu uma bela revisão e avançou bastante na tarefa de facilitar o gerenciamento de cores, umas das grandes vantagens comparativas do Mac OS para a área gráfica (a Apple havia prometido uma versão dele para o Windows, mas parece que se “esqueceu” da promessa). A nova interface do painel ColorSync tornou mais fácil trabalhar com o sistema, além de ampliar sua capacidade. Agora é possível definir perfis de acordo com o trabalho que está sendo feito. Perfis (*profiles*) é o nome que o ColorSync dá para documentos que “traduzem” as cores de equipamentos de entrada (scanners), visualização (monitores) e saída (impressoras), permitindo

O novo ColorSync finalmente permite especificar, um a um, todos os dispositivos usados para cada trabalho

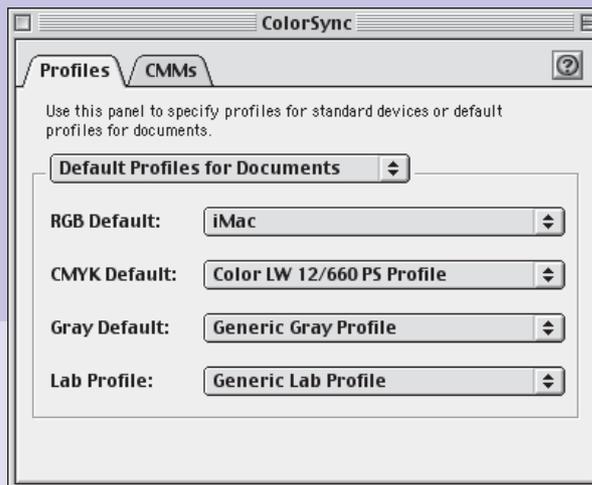
que a cor que você vê na tela seja o mais próximo possível daquela que será impressa. Agora você pode salvar perfis que dizem qual é o equipamento usado em determinado trabalho. Esses perfis podem ser salvos como *workflows* que podem ser acessados em uma interface semelhante às janelas de configurações dos painéis TCP/IP e Remote Access, exportados caso você mude de

máquina ou utilizados automaticamente por programas gráficos (assim que saírem versões compatíveis com o ColorSync 3).

FontSync

A extensão **FontSync** cria “assinaturas eletrônicas” únicas para cada família de fontes. Ele é a grande esperança de quem trabalha com DTP para acabar

com um dos males da editoração eletrônica: a substituição de fontes em documentos que passam pelos responsáveis da cadeia produtiva de *publishing*. Não se trata daquela horrenda substituição por Courier, tão comum nas saídas PostScript, mas de variações e versões dos mesmos fontes. Por exemplo: a família Garamond da Adobe já teve quatro versões oficiais desde 1984. Quando se compõe uma página em Garamond e ela é aberta em um computador diferente com uma versão diferente da fonte (do mesmo fabricante!), o documento “recon-



criptação, mas não os apaga totalmente do disco. Qualquer Zé Ruela com um Norton Unerase pode vasculhar seu lixo com boa probabilidade de encontrar os seus arquivos originais não-criptados que você achava que estavam seguros

depois de passá-los pelo File Security. Ou seja: se você está realmente preocupado com dados sigilosos, vai precisar de um programa auxiliar que limpe totalmente a parte livre do seu disco rígido para evitar os bisbilhoteiros.

6. Update automático

Deixe a Apple instalar seu software para você

Uma das novas “ferramentas” do Mac OS deverá causar calafrios naqueles usuários preocupados com sua privacidade e paranoicos em geral. Basta clicar em Update Now no painel **Software Update** para conectar sua máquina a um misterioso servidor da Apple (o mesmo de onde o Sherlock atualiza seus plug-ins). O programa checa o que foi lançado desde a última vez que você atualizou seu sistema e começa a baixar e instalar automaticamente os updates.

Mão na roda ou Grande Irmão?

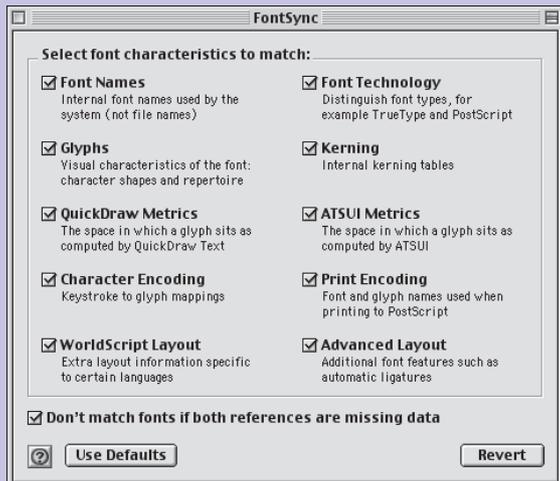
Você decide. Todos os updates vêm da Apple, e não de sites estranhos. Além

disso, a Apple bolou um esquema genial de controle de assinaturas digitais, através de um programinha chamado Apple Verifier, que checa se o arquivo baixado realmente foi feito pelo fabricante autorizado. O Verifier utiliza um formato padrão da indústria para assinaturas digitais, o CMS (Cryptographic Message Syntax). Essa é outra tecnologia promissora que, se adotada em massa pelos desenvolvedores, poderá eliminar a ameaça de vírus tipo Cavalos de Tróia escondidos na forma de updates singelos e garantir a segurança do sistema de updates automáticos.

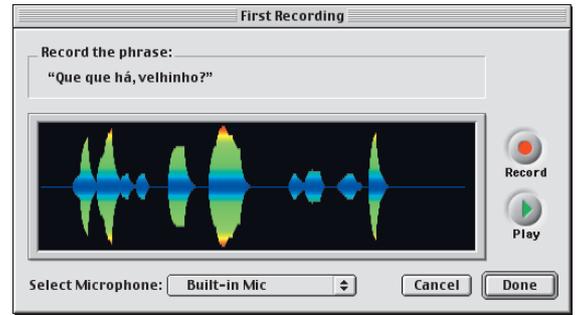
Outra vantagem do Software Update:

re”, e se o fato não é percebido a tempo, os prejuízos podem ser enormes. Todo profissional de DTP gela só de pensar que está recebendo um documento de uma pessoa com essa fonte. Segundo a Apple, agora podemos criar documentos que autenticam nossas fontes: os perfis FontSync. Ao enviar um documento para outro

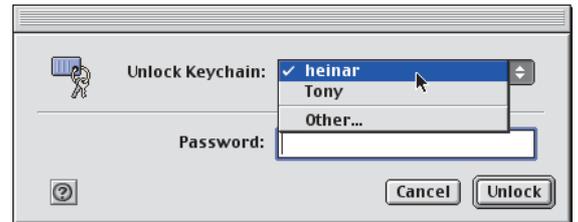
computador, é necessário enviar o perfil de fontes junto. Ela então executa um script para comparar as fontes dela com as suas. Se houver alguma incompatibilidade, o sistema nos evita esse problema sorrateiro. Atualmente, a interface do FontSync se resume a um painel de controle (o qual não é colocado na pasta Control Panels na instalação normal) e depende do AppleScript para ser utilizado. Ele só deverá realmente mostrar sua utilidade quando for implementado na vida real, sendo embutido em gerenciadores de fontes (Suitcase e ATM) e programas de editoração.



O FontSync é uma bem-vinda iniciativa para tentar acabar com a eterna confusão de fontes entre computadores diferentes



A senha falada, assim como o reconhecimento de voz, é um daqueles recursos futuristas que impressionam muito, mas também podem dar vexame na frente das visitas



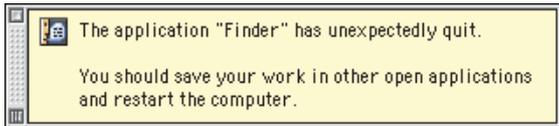
Ressuscitado da tumba, o ótimo Keychain guarda todas as suas senhas em um lugar só



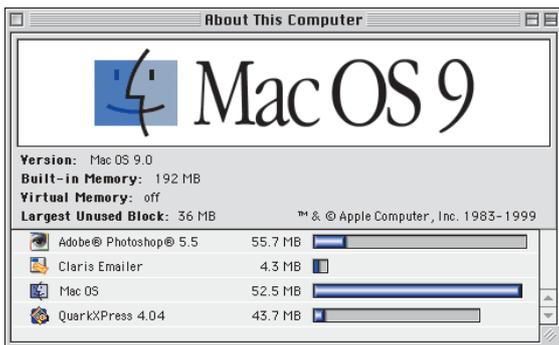
No OS 9, você pode encriptar os arquivos daquele jeito fácil e intuitivo que só se poderia esperar do Macintosh



O Network Assistant é um novo software para administradores de sistemas, vendido à parte pela Apple, que permite o controle de Macs à distância via rede



As mensagens de alerta do Finder no OS 9 são não-modais, ou seja, não obrigam mais você a parar tudo o que está fazendo para dar OK nelas. Elas ficam abertas o tempo que você achar necessário. Outros programas poderão adotar esse método de notificação mais elegante



Se você já achava que o Mac OS está "gordo" demais, consumindo quantidades inexplicáveis de RAM, prepare-se para exigências de memória nunca vistas. O uso da memória virtual passou a ser quase obrigatório

quando você pluga um novo dispositivo USB ao seu Mac, ele pergunta se você quer puxar o driver correspondente no site da Apple e instalá-lo.

Isso acaba de vez com aquela caixa de diálogo que diz que o "driver do periférico USB desconhecido não estava presente" e

garante que você está com o driver mais recente. Se o servidor da Apple tem o update para o seu arquivo, o Software Update baixa e instala. Senão, você vê uma caixa de diálogo dizendo que sente muito e que você deve entrar em contato com o fabricante.

7. Bote seu HD na Internet

Compartilhando arquivos pelo TCP/IP

O **AppleTalk** é um protocolo de rede que tem características que até hoje podem ser consideradas revolucionárias. Mas, como qualquer tecnologia criada há mais de uma década, mostra os sinais da idade. Não é à toa que a Apple está firme no propósito de substituí-lo pelo TCP/IP, a linguagem nativa da Internet. O **AppleShare**, seu programa para servidores de rede, desde 1997 funciona tanto sobre o AppleTalk quanto sobre o TCP/IP. Desde o System 7, todo Mac tem embutida a capacidade de acessar arquivos e programas em uma rede de até dez máquinas.

Agora a Apple está permitindo que qual-

quer Mac compartilhe seus arquivos e programas com outros pelo TCP/IP. Para fazer isso, ela usou um esquema manjado.

Embutiu no sistema uma versão limitada do programa **ShareWay IP Personal Edition**, da **Open Door Networks**.

Para o usuário, não mudou muita coisa em termos de operação. É só abrir o painel **File Sharing** e clicar na caixinha que habilita o compartilhamento de arquivos via TCP/IP. A partir daí, qualquer usuário com o Mac OS 9 instalado pode acessar seu disco, digitando seu endereço IP (ou DNS) num campo no **Chooser**.

Para quem tem um IP móvel e acesso por

Por debaixo dos 9 panos

De certo modo, o Mac OS 9 é como os Fuscas antigamente. Por fora, mudaram alguns frisos; por dentro, há muitas novidades.

Infelizmente, o usuário não deverá notar nenhuma diferença a princípio, pois quase todas dependem da adoção pelos programadores.

Aí vão nove delas:

1. Core Foundation

Essa biblioteca de rotinas permite manipular texto em Unicode e estruturas de dados de diversos tipos. Um recurso interessante é permitir ler e gravar XML (um formato de texto que permite armazenar dados estruturados). Importante para arquivos de preferências e portabilidade de dados entre aplicativos.

2. Carbon

Essa badalada interface de programação está apenas parcialmente

presente – atrasada, portanto, em relação ao cronograma original... Mas continua sendo o melhor caminho para a migração de aplicativos para o Mac OS X, no ano 2000.

3. MLTE (Multilingual Text Editor)

Promete, finalmente, acabar com o limite de 32K de texto, que ainda assola aplicativos como o SimpleText e outros. Infelizmente, sua compatibilidade com soluções existentes é limitada, e por enquanto não pode ser instalado em versões anteriores.

4. ATSUI (Apple Type Services for Unicode Imaging)

Descendente do falecido QuickDraw GX, essa tecnologia promete recursos tipográficos mirabolantes.

5. Font Manager

Havia pelo menos uma dúzia de formatos de fontes disponíveis para

Mac, todos com limitações e problemas. Agora, finalmente, há um modo unificado de tratar fontes e a possibilidade de um formato compatível com as fontes do Windows.

6. File Manager

Novos recursos para acesso mais rápido a diretórios, arquivos muito maiores que os 2 gigabytes permitidos anteriormente, nomes de arquivos com até 255 caracteres em Unicode, suporte a *forks* adicionais em arquivos etc. – não que o Finder hoje entenda a maioria dessas coisas, mas mostra o caminho que versões futuras podem tomar.

7. "8169"

Esse é o novo número mágico, a contagem máxima de arquivos abertos – anteriormente era 348. Apesar de anos de avisos da Apple para os programadores não consultarem cer-

tas variáveis de sistema para mexerem na lista de arquivos abertos, o ATM e outros aplicativos continuaram a fazer isso... Agora vão morrer com um "Erro Tipo -119". Já há versões atualizadas para a maioria desses casos, porém.

8. HTML Rendering Library

Biblioteca que permite interpretar arquivos HTML (3.2) direto para a tela. Não que permita programar um browser – nem mesmo "light" – mas pode simplificar outros aplicativos que trabalham com HTML.

9. Application Bundles

Pastas que contêm um aplicativo e seus arquivos auxiliares agora podem ser tratadas pelo Finder como se fossem um único ícone. O modo como fizeram isso é um pouco discutível, mas é um recurso importante rumo ao Mac OS X.

linha discada, como a maioria dos usuários domésticos no Brasil, essa função não tem tantos atrativos quanto para quem tem um endereço fixo na Internet. Um usuário de PowerBook poderia acessar seu disco de qualquer lugar do mundo pelo Chooser (ou Network Browser).

Não esqueça as portas abertas

É óbvio que toda essa liberdade tem seus riscos de segurança. Ninguém vai conseguir entrar no seu Mac sem que você abra

a porta, clicando no quadradinho do IP no File Sharing. Mas uma vez feito isso, um login e uma senha serão tudo o que estará entre os hackers do Mal e seu HD (ou melhor, sua pasta compartilhada, porque você não é tatu de colocar todo o seu disco na rede, certo?).

De qualquer maneira, a Open Door (www.opendoor.com) já está oferecendo em seu site versões do ShareWay IP com mais funções de segurança e descontos especiais para usuários do Mac OS 9.

8. AppleScript sobre TCP/IP

Comande seu Mac à distância

Quem tem acompanhado as aulinhas de **AppleScript** no nosso suplemento MacPRO sabe do poder que essa linguagem esconde. As mudanças estruturais, que permitiram o uso de programas e a troca de arquivos pelo TCP, deram mais poderes ainda ao AppleScript.

Agora, tudo o que você pode automatizar em seu Mac localmente pode ser feito via rede, com o AppleScript 1.4 (já devidamente “carbonizado”, ou seja, pronto para o Mac OS X). É claro que, para isso, o

dono da máquina na outra ponta precisa autorizar seu acesso; mas, feito isso, basta acrescentar seu endereço dentro de um script para comandar qualquer programa instalado nela, inclusive o Finder.

Para administradores de rede ou de servidores Web, é a baba do boi. Infelizmente, a versão 1.4 é uma das mais mal-documentadas de toda a história do AppleScript, o que não deve impedir os mais curiosos de saírem fuçando nas novas funcionalidades.

9. Novo Network Browser

O plug and play na Internet

Uma das grandes características “revolucionárias” do AppleTalk é a capacidade de enxergar equipamentos colocados na rede assim que eles são plugados nela. Essa “plugandplayabilidade” inexistente em vários protocolos de rede concorrentes e supostamente mais modernos existe porque cada impressora ou Mac ligado pelo AppleTalk avisa imediatamente aos outros que entrou na rede.

Com a mudança gradativa do AppleTalk para o TCP/IP, essa capacidade poderia se perder. Felizmente, a Apple pensou nisso e vem suportando uma outra tecnologia, o NSL (Network Services Location), desde o Mac OS 8.5 – apesar de só agora, com o Mac OS 9, ela possui uma interface com o usuário, via **Network Browser**. O NSL é uma solução para os programas reconhecerem serviços e equipamentos disponíveis em uma rede, independentemente do seu protocolo.

O novo Network Browser consegue encon-

trar servidores de FTP e DNS em uma rede TCP/IP, desde que eles usem um novo protocolo chamado SLP (Service Location Protocol), e aqui é que está a pegadinha. Como existem poucos servidores utilizando o SLP, é praticamente impossível se conectar a qualquer coisa na Internet que não sejam os próprios servidores da Apple e da Open Door, que desenvolve produtos com a tecnologia. A afirmativa da Apple de que o novo Network Browser permite que você “encontre servidores de arquivos, FTP e Web tão fácil como encontra impressoras em sua rede” fica um pouco vazia. Poucos programas também são atualmente compatíveis com o SLP, notadamente os programas da Open Door, o File Sharing do Mac OS e o Personal Web Server da Apple. De qualquer forma, esse é o papel da Apple: impulsionar novas tecnologias e estimular os desenvolvedores a criar produtos que facilitem a vida do usuário.

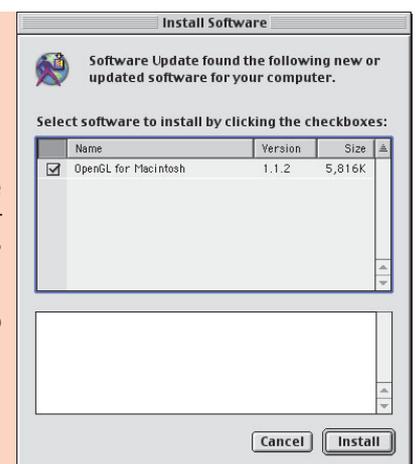
A diferença é que, hoje em dia, ela faz

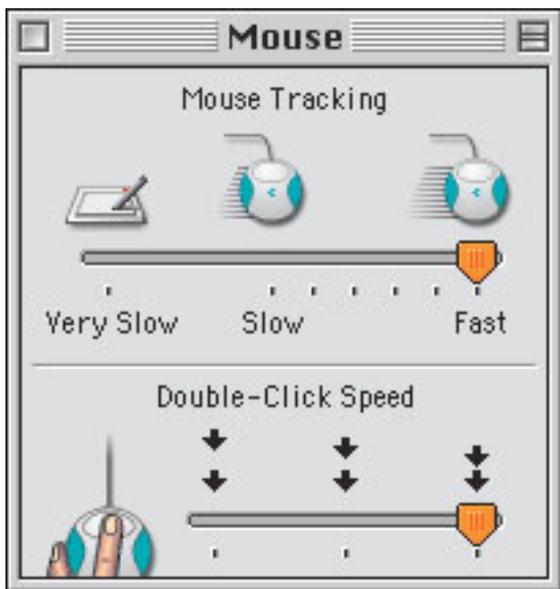


O novo Mac Help é, provavelmente, o melhor sistema de ajuda já feito para um sistema operacional, reunindo links “vivos” para a Web, documentação e tutoriais



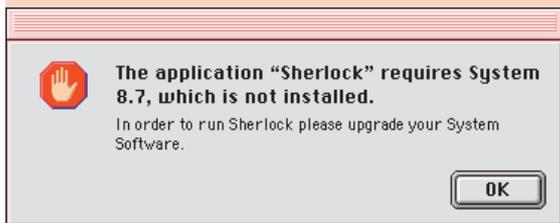
O Software Update é um painel de controle que checa a disponibilidade de updates do sistema na Apple, baixa e instala tudo na sua máquina – isso tudo de forma automática ou só quando você quiser



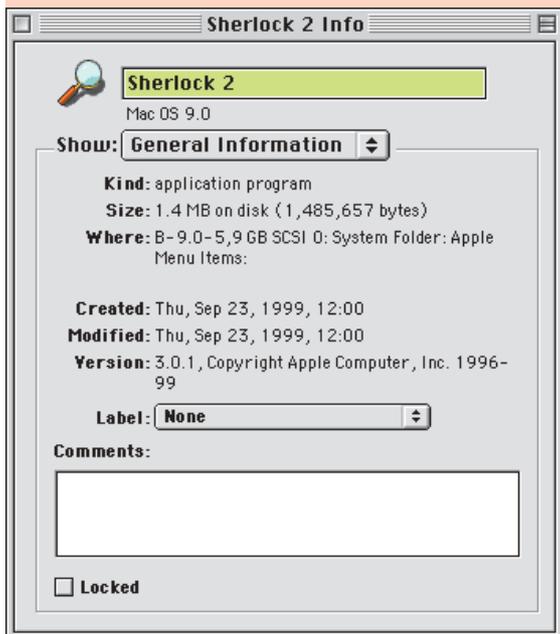


O painel de controle Mouse é aquele mesmo de sempre, mas os desenhos mudaram para refletir os novos tempos

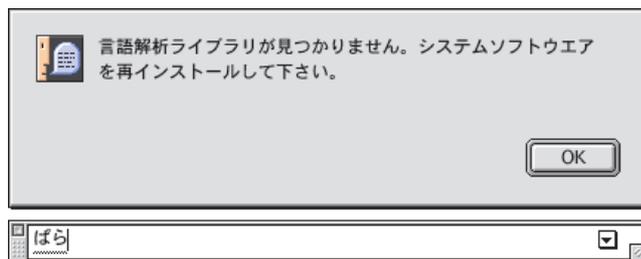
Essa placa de erro – obtida tentando-se abrir o Sherlock 2 sob o Mac OS 8.5 – é uma prova de que o Mac OS 9 era para se chamar 8.7 e o pessoal de marketing de Cupertino rebatizou o sistema na última hora



O mesmo que vale para a placa acima vale para o Sherlock 2, cujo verdadeiro número de versão é 3.0.1



O Mac OS 9 permite não só ler como também escrever em outros alfabetos. Basta instalar os kits de idiomas, que agora vêm de graça com o sistema



isso com protocolos e padrões abertos (como o USB, LDAP e o SLP) e não com tecnologias proprietárias, como o finado QuickDraw GX.

Futuro promissor

Se as tecnologias que sustentam o novo

Network Browser pegarem, o usuário de Mac terá na mão uma ferramenta e tanto. Poderá executar tarefas que hoje exigem programas exclusivos e um certo conhecimento – como fazer FTP, atualizar um site ou ligar Macs e PCs em rede – através de uma interface simples e conhecida.

10_(ops). Remote Access

Você telefona e o seu Mac atende

É uma pena estragar as contas do pessoal de marketing da Apple, mas o Mac OS 9 traz uma nova função que, pela funcionalidade que traz aos usuários, deveria ser considerada uma das tais “ferramentas” de Internet. O novo painel **Remote Access** permite, finalmente, que o Mac responda a chamadas de modem. Um usuário de PowerBook pode ligar para o número de sua empresa,

ser atendido por um Mac e ter seu acesso garantido via PPP ou ARAP (Apple Remote Access Protocol). A configuração se resume a clicar em uma caixa na janela Answering do menu RemoteAccess do painel de controle. A partir daí, é como se o seu Mac fosse um provedor de acesso. Os usuários que podem acessar a rede à distância são definidos no painel Users & Groups.

Para quem serve o Mac OS 9?

Se você tem um Mac G3, com mais de 32 MB de RAM, utiliza intensivamente a Internet e divide sua máquina com outra pessoa, com certeza o Mac OS 9 é um update necessário ou até imprescindível. Se esse não é o seu caso, talvez valha a pena esperar até que todos os programas e drivers tenham sido completamente atualizados, ou então aguardar mesmo a chegada do Mac OS X, previsto para meados do ano que vem. Ou pelo menos o update do 9, que deve sair em janeiro, corrigindo os bugs mais gritantes. Em termos de desempenho, não há muita diferença. O acesso a disco aparentemente está mais veloz e as cópias via rede estão sensivelmente mais rápidas, mas o Finder frequentemente dá misteriosas “paradinhas”. Mesmo esta sendo a última versão do Mac OS compatível com Power Macs não-G3, usuários de modelos mais antigos devem pesar bem as vantagens que o novo sistema traz em contrapartida às suas exi-

gências em termos de memória e processador (crianças, não tentem usar o 9 em nada com menos de 200 MHz). O fato é que, ao contrário do Mac OS 8, com sua garibada cosmética geral, e do 8.5, com o Sherlock, não há uma razão fundamental para fazer o update imediatamente. Com certeza isso deve mudar ao longo dos próximos meses, conforme os programas forem sendo adaptados às tecnologias lançadas pelo OS 9.

O Mac OS 9 deve estar disponível no Brasil em dezembro, nas versões em inglês e português, ao preço de R\$ 150. É provável que haja um desconto para quem comprou seu Mac recentemente, mas até o fechamento desta edição, a Apple Brasil não havia decidido seu valor. **M**

HEINAR MARACY

*Colaboraram: Mario AV, Carla Grieco, Bruno Mortara e Rainer Brockerhoff